

O ensino de História e a fotografia como representação: uma experiência através de fontes de arquivos locais

Ana Luiza Koehler*

RESUMO - Este texto discute a fotografia como uma representação e reflexo do imaginário social dos centros urbanos, apresentada através de várias formas e por diferentes atores sociais. Por se entendida como fonte para a história e memória social, é utilizada numa proposta de ensino de história para o nível médio como principal documento, enfatizando a história do Bairro Alto e da cidade de Curitiba. Para possibilitar a compreensão do meio urbano e a análise documental foram utilizados no trabalho pedagógico diferentes tipos de fotografias produzidas na cidade de Curitiba, como cartões postais, fotografias de álbum de família e de arquivo público, entre os anos de 1940 a 1980. As atividades desenvolvidas com os alunos do Colégio Estadual Algacyr Munhoz Maeder são relatadas. A pesquisa mostra que a fotografia colabora para o conhecimento da memória social e para a compreensão das formas de representação do imaginário sobre o meio urbano. O método proposto pode ser incorporado no projeto político pedagógico da escola a fim de que seus objetivos tenham resultados mais satisfatórios.

Palavras-chave: Fotografia. História. Imaginário. Memória. Educação. Cidade. Urbanização.

ABSTRACT - This article discusses the photograph as representation and reflection of the social imaginary urban centers, presented through various forms and by different social actors. It is understood as historic source and social memory. The photograph is applied as the main document in a proposal for history teaching to High School, emphasizing the Bairro Alto district history, Curitiba city, Paraná State. Different types of photographs produced at the city, such as postcards, family's photograph album and public file, from 1940 to 1980, were used. The activities with "Colégio Algacyr Munhoz Maeder" school's students are reported. The research shows that photograph add to the knowlegd of the social memory as well the manner of imagination to the urban way. The method proposed can be incorporated in the pedagogical political project. So, the aims would reach more positive results.

Keywords: Photograph. History. Imaginary. Memory. Education. City. Urbanization.

*e-mail: ana.luizak@yahoo.com.br

Professora de História da rede pública de ensino do Estado do Paraná, especialização em Linguagens, Imagens e Ensino de História, pela UFPR e em História da Arte do Século XX, pela EMBAP (Escola de Música e Belas Artes do Paraná), participante do programa PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional em 2007-2008.

As experiências e as atividades desenvolvidas e relatadas neste artigo são parte integrante do PDE (Plano de Desenvolvimento Educacional), programa de capacitação de professores da rede pública de ensino da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, realizadas entre os anos de 2007 e 2008. O programa consiste num planejamento inicial que prevê a produção de um material didático e de um plano de ação docente, a serem realizados ao longo de dois anos. Além de contemplar a frequência a disciplinas regulares da Universidade e em cursos específicos ofertados nas instituições de ensino superior, que dão suporte teórico e orientação individual aos participantes através dos professores das várias áreas do conhecimento.

A proposta inicial do plano de trabalho desenvolvido visava discutir possibilidades do uso de fontes históricas a partir de uma proposta de ensino que contemplasse a história local, tomando como referência as experiências realizadas em anos anteriores, enfatizando a história oral e fotografias de álbuns de família. O conhecimento da comunidade local através de sua história, refeita principalmente por meio de memórias trazidas pelos alunos, indicaram para a possibilidade de explorar vários temas locais: urbanização, migração, trabalho, religião, ensino, gênero e futebol. Seriam temas que apontavam para a inserção da história local (Bairro Alto, em Curitiba) no ensino de História e na seleção dos conteúdos propostos para o ensino médio. A opção por um dos temas, urbanização, possibilitando um maior aprofundamento da proposta de trabalho, resultou nas práticas desenvolvidas no decorrer do programa. Foi enfatizada a história local e o uso da fotografia como documento. Às fotografias dos moradores, utilizadas anteriormente, foram acrescentadas imagens fotográficas de arquivo público e cartões-postais, ampliando a possibilidade de exploração da fonte, e a cidade no seu processo de urbanização foi mais enfocada.

A opção por um projeto pedagógico que contemplasse o uso de uma fonte histórica imagética, está relacionada, por um lado, à utilização dos meios de pesquisa anunciados pela Nova História. Estes, juntamente com os fundamentos teórico-metodológicos que orientam a pesquisa e o processo de construção do conhecimento histórico, devem nutrir os referenciais para o ensino de história nos níveis fundamentais. A fotografia inclui-se entre os novos

documentos explorados pela historiografia, é amplamente disponível no mundo urbano, além de fazer parte do nosso sistema de representações e do imaginário social, constituindo cada vez mais a nossa memória, inclusive entre as camadas menos favorecidas da sociedade. Por estas razões optou-se pela fotografia no desenvolvimento do projeto, além de se entender que é função do professor de história possibilitar o conhecimento da disciplina através do uso de documentos, entre os quais os que favorecem a percepção das formas de representação coletiva e do imaginário social; propiciar a construção do conhecimento histórico através de fontes imagéticas desenvolvendo a capacidade de observação e interpretação de imagens; desenvolver a capacidade do aluno redigir e interpretar sobre a realidade local, reconhecendo e valorizando as memórias individuais e coletivas.

1.1A Fotografia como Representação Coletiva

A História Cultural ao incorporar os novos enfoques temáticos da historiografia a partir da proposta da Escola de Annales, estabeleceu necessariamente relações com outros campos de conhecimento e novos tipos de documentos. Abre-se o campo para as representações sociais e o imaginário social das sociedades pesquisadas através das produções de imagens, como a fotografia. As reflexões de Roger Chartier sobre representações sociais e de Bronislaw Baczko, sobre o imaginário social, contribuem para a discussão sobre o significados das imagens e suas formas de interpretação.

Baczko(1985) discute a questão dos imaginários sociais através de autores como Karl Marx, Emile Durkheim, Max Weber e Marcel Mauss. De Durkheim e Marcel Mauss destaca a importância de um conjunto de crenças que sejam comuns ao grupo social para a sua manutenção. Essa comunhão entre as pessoas ocorre através dos signos que comunicam uma consciência coletiva. As representações coletivas traduzem a estrutura de um grupo social e as suas formas de comportamento.

Os imaginários sociais constituem referências para uma coletividade que marcam sua identidade e as representações que o grupo tem

de si, além de estabelecerem códigos que condicionam os papéis sociais. É fundamental como elemento de controle de um grupo social, e também para o exercício e legitimação do poder.

As linguagens exprimem as representações coletivas efetuadas pelos discursos, produtos do imaginário social. Este assenta-se num sistema de símbolos que têm a função de orientar as ações e comportamentos dos indivíduos e grupos sociais e operam na memória coletiva. O imaginário social é composto de um entrelaçamento de imaginários como “os mitos, as religiões, as utopias e as ideologias” (BACZKO, 1985, 312).

O simbolismo das formas e da arquitetura em uma cidade expressam no espaço imaginários sociais (BACZKO, 1985). Estes espaços são apreendidos também em suportes imagéticos na publicidade, nos meios de comunicação, nas artes visuais, nos álbuns de fotografias, nos cartões postais, que podem servir como fonte da história, possibilitando uma leitura do mundo urbano.

Grande parte das nossas representações sociais tem na fotografia seu suporte e configura os valores e modos de vida dos centros urbanos, bem como os rótulos que cada cidade recebe e se expressam, por exemplo, através de cartões postais (TUAN, 1980). As imagens fotográficas veiculam e contribuem para a formação do imaginário de uma sociedade. Por outro lado, a fotografia é uma forma de registro histórico-sociológico, que revela através dos signos fotográficos a memória da vida social e cotidiana de pessoas dos diferentes segmentos sociais que compõem os centros urbanos (VON SIMSON, 1998).

Com a popularização da máquina fotográfica, os arquivos pessoais compõem-se cada vez mais de imagens fotográficas, enfocando também aspectos da vida urbana, contendo signos próprios do seu grupo social ou comunidade. São reveladores de sua visão de mundo, costumes, valores e ideologias e da forma como percebem a cidade e dão significado ao mundo e às suas experiências imediatas. Nesse sentido pode-se dizer que as imagens sofrem interferência do imaginário social. São diferentes atores

sociais que tem formas variadas de interpretação do mundo urbano que são significados através das práticas que envolvem o olhar.

As cidades contêm portanto, o seu próprio imaginário, expressos através de representações coletivas que permitem desvelar a estrutura social do qual fazem parte e como diversamente são dados significados à mesma. As representações são as formas pelos quais os “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (CHARTIER, 1991, p.177) . Constituem-se em signos que passam a ser considerados parte de uma realidade e são produzidas em todas as práticas. Entretanto, há diferentes maneiras de interpretação das práticas discursivas e, mesmo no interior de uma determinada camada social os dispositivos formais permitem diferentes recepções e apropriações. As imagens fotográficas, como parte das práticas sociais, precisam ser compreendidas no contexto social, no processo de construção e recepção revelando assim, seus significados.

1.2 Fotografia e História

Diante do uso crescente de documentos imagéticos na pesquisa historiográfica a fotografia vem a ser uma nova ferramenta para reconstruir o passado, uma nova forma de registrar a memória humana. Jacques Le Goff, diz que a fotografia revoluciona a memória dando “uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingidas” (LE GOFF, 1996, p.466).

O uso da fotografia no ensino, bem como de outros meios iconográficos, coloca-se como uma questão extremamente atual: a da cultura visual contemporânea, dominada pelas técnicas recentes, especialmente os meios informáticos. Estes devem levar as pessoas a terem “outras operações lógicas, outros modos de cognição, outros códigos de memorização, outras maneiras de se organizar sócio-culturalmente neste único planeta” (SAMAIN, 1994, p. 292), pois os diversos meios de comunicação humana influenciam o modo do pensamento, bem como suas formas de organização. Etienne Samain (1994), nos chama a atenção ainda, para o fato de que vivemos num mundo da lógica dominada pela fala e pela escrita, porém que se produz

através das comunicações modernas, que são hoje os “maiores veiculadores de emoções, de sonhos e de conteúdos psicológicos que, talvez, refiram-se, assim a aspectos mais arcaicos da mente humana” (SAMAIN, 1994, p.298). No entanto, apesar das mudanças dos meios de comunicação, as ciências humanas continuam usando a fala ou a escrita como as principais formas de produção do conhecimento. Seguindo esta linha de raciocínio, podemos nos questionar sobre os impactos dessas mudanças cognitivas na educação, e sobre a necessidade de introduzirmos no processo pedagógico os recursos imagéticos, como a fotografia, para que sejam possibilitadas novas leituras de mundo a partir da visualidade.

As novas linguagens, no entanto, passam a desafiar tanto o historiador quanto o professor de história, pois há necessidade de legitimação das novas fontes para a produção historiográfica e de compreensão da natureza das mesmas. No ensino, alguns cuidados são necessários, “como conhecer o sentido produzido pelas imagens canônicas, diferenciar o uso das linguagens como recurso didático e como documento histórico e apreender o significado ou natureza de cada linguagem”(SCHMIDT e CAINELLI, 2004, p. 110).

1.3 Fotografia, Memória e Ensino

Para Roger Chartier a história da década de 1980 busca liberar seus objetos de estudo dos determinantes coletivos que abrangem a totalidade social (econômicas, sociais, culturais e políticas) voltando-se para o sujeito. Alteram-se conseqüentemente as formas de se abordar um determinado conhecimento histórico. Um relato de vida ou um acontecimento obscuro, pode ser o ponto de partida para o conhecimento de uma sociedade. Incorpora-se assim, a história local no ensino através de suas memórias, como forma de propiciar o conhecimento da história na sua relação com a totalidade, sem enfoques localistas, porém propiciando o resgate de uma identidade coletiva.

A história local, que contempla a cidade, passa também a incorporar a fotografia na prática pedagógica, pois a mesma, captando e imortalizando um momento, é um fragmento da realidade congelado através “do gesto e da

paisagem, e portanto a perpetuação de um momento”, (...) e da “memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana”.(...) Portanto, “a fotografia é memória e com ela se confunde” (KOSSOY, 2001, p.155-156).

O uso pedagógico da história local se justifica por possibilitar o desenvolvimento de um pensamento histórico através da incorporação das memórias que compreendem o entorno do aluno. Os moradores do bairro ou de outros locais da cidade (que podem ser pais, avós, vizinhos) colaboram com depoimentos (fontes orais), documentos escritos (mapas, recibos, escrituras e outros) e fotografias familiares. A partir do uso desses documentos, de uma problematização e da inserção de conteúdos que servem como embasamento teórico e para a leitura da relação entre passado e presente, produz-se o conhecimento histórico. As possibilidades de exploração de fontes são amplas e podem abranger os arquivos locais e os arquivos escolares. Um dos objetivos é levar o estudante a perceber-se como sujeito histórico, resgatar o sentido do conhecimento da disciplina, limitado geralmente à interpretação dos textos dos livros didáticos e dos documentos escritos, que passam a ser entendidos apenas como mais uma leitura obrigatória, e de compreensão difícil. Resgatar a valorização dos indivíduos no processo histórico, especialmente das pessoas que fazem parte do cotidiano do aluno, bem como a memória composta por monumentos e outros elementos da arquitetura do bairro ou da cidade, é fazer o jovem sentir-se parte de um todo, que é a comunidade do qual faz parte, é estabelecer o sentimento de pertencimento, tão necessário aos indivíduos. Fazer parte de um grupo através do conhecimento da sua história e da sua memória é reconhecer a sua própria identidade. Consequentemente a valorização do patrimônio e da importância da preservação de documentos são absorvidos, se houver continuidade na prática pedagógica. Por outro lado, a percepção do processo de construção do conhecimento histórico é incorporado através do uso de fontes presentes no meio e que colocam os problemas historiográficos ao serem interpretados. As diferentes formas das memórias apresentarem o passado, as distintas fontes e informações que produzem representações diversas sobre o passado,

deslocam do ensino de história a primazia da verdade absoluta apresentada nos manuais didáticos.

O uso de imagens no ensino de história é uma necessidade constante do professor, que fala de um tempo e, senão também de um espaço, que não é o do aluno. A visualidade colabora com a percepção da representação sobre o tempo histórico. A saturação das imagens presentes no mundo atual, não colaboram, entretanto, para a compreensão crítica da realidade social. O educador precisa usar as imagens para lê-las criticamente, como parte das representações da sociedade, carregadas de intenções ideológicas, produzidas com finalidades diversas para atender a demandas econômicas e políticas. No entanto, são carregadas de signos que revelam a cultura e os valores dos grupos sociais. Ao ler as fontes históricas imagéticas pode-se compreender as representações sociais de cada época, bem como desvendar o seu processo de produção e recepção. Dessa forma colabora-se para que o aluno tenha uma leitura mais crítica das imagens do seu cotidiano também.

2. Plano de Intervenção

No plano de trabalho do PDE, optou-se pelo uso de imagens fotográficas como elemento de análise e de produção do material didático e como fonte principal utilizada na prática pedagógica desenvolvida em sala de aula, a ser relatada no decorrer do texto. A fotografia foi escolhida, como já foi ressaltado anteriormente, pelo seu vasto uso nos meios de comunicação, na publicidade, nos cartões postais, nos registros fotográficos cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas. Por outro lado, como o projeto buscava optar por fontes locais e de um período mais recente, pois contemplava o processo de urbanização da cidade de Curitiba e sua relação com o bairro (Bairro Alto) que tem sua expansão na década de 1960, tinha na fotografia o suporte imagético privilegiado para ser trabalhado como documento histórico. No entanto, o referencial teórico para análise de imagem apresentada no material didático OAC (Objeto de Aprendizagem Colaborativo), disponibilizado

eletronicamente para os professores da rede pública do estado, serve para qualquer tipo de imagem.

A proposta de intervenção a ser desenvolvida no ano seguinte (2008) ao da elaboração do plano de trabalho na escola previa aulas preparadas a partir do tema **urbanização**, tendo como enfoque metodológico o uso de imagens fotográficas. O recorte cronológico eram os anos de 1940-1980, que coincidem com o processo de expansão urbana e industrial no Paraná e especialmente da cidade de Curitiba. A fotografia deveria ser usada na prática pedagógica como um elemento de memória, que traduz costumes, valores e atitudes de uma época. Entretanto foi feito um processo de desconstrução da imagem. Pretendia-se que o aluno percebesse que a fotografia não é uma simples imitação da realidade que serve para ilustrar o passado, mas que a compreendesse como um documento que é construído histórica e culturalmente. É uma representação da realidade que tem diferentes usos e significações no seu processo de construção, utilização, interpretação e apropriação.

Os seguintes tipos de fotografias foram previstos:

- cartões postais de Curitiba, de diferentes períodos, observando-se os locais e paisagens fotografadas e sua relação com o objetivo de construir uma representação urbana com fins mercadológicos;
- fotografias de Arthur Wischral, renomado fotógrafo paranaense, na sua fase como fotógrafo da prefeitura de Curitiba, propondo a observação de um trabalho feito a partir de um olhar profissional e com objetivos específicos;
- fotografias de álbuns de família dos moradores do bairro onde encontra-se a escola, de onde se problematizaria os signos representados e os significados para a população local (paisagens urbanas e seu aspecto, local escolhido para a maioria das fotos, objetos e imóveis focalizados, instituições destacadas, tipos de lazer).

A interpretação dos documentos fotográficos deveria ser realizada mediante análises iconográficas (que refere-se à descrição dos elementos constitutivos da imagem) e de análise iconológica (interpretação do conteúdo

imagético) através do seu contexto de produção e de seus significados (KOSSOY, 2001). A utilização de textos didáticos de história e da historiografia, além de outros documentos escritos que possibilitem compreender o contexto histórico e cultural da produção das imagens fotográficas também estavam previstos.

3. GTR: O Plano, sua Difusão e Recepção

O interesse e a recepção dos professores da rede pública a respeito do tema do plano de trabalho intitulado Fotografia e História: Educando o Olhar sobre a Cidade, pode ser percebido através do GTR (Grupo de Trabalho em Rede). As atividades do grupo consistiam na discussão de textos, do plano de trabalho e do material didático produzido com outros professores da rede através de uma página eletrônica na internet. As atividades divididas em seis módulos, com duração aproximada de um ano, previam no último módulo a realização de um projeto de cada professor da rede participante. Do total de vinte quatro inscritos inicialmente, quinze concluíram todos os módulos, desenvolvendo propostas pedagógicas com a utilização de fotografias relacionadas às várias cidades do Paraná onde vivem e atuam como professores. De maneira geral, a proposta de trabalho foi bem aceita. Vários professores durante as discussões concordaram sobre a necessidade de se incluir a memória no ensino de história possibilitando a valorização do sujeito e resgatando a identidade do aluno. Nesse sentido enfocou-se a importância da micro-história como forma de valorizar o indivíduo e discutiu-se sobre a necessidade de relacionar o local com o global. A fotografia foi vista como um importante elemento de conhecimento da cultura local, uma forma atraente de trazer informações à sala de aula assim como outras imagens, todas consideradas imprescindíveis no ensino de história. Há uma recepção positiva do uso de imagens devido à motivação que o estímulo visual causa na sociedade contemporânea e por suscitar a necessidade de se buscar novos recursos tecnológicos, bem como práticas pedagógicas que sejam estimulantes.

O plano de intervenção e partes do material didático OAC, que foram disponibilizados nos módulos, possibilitaram várias reflexões dos participantes a respeito da fotografia, e das possibilidades do seu uso no ensino e como fonte histórica. Levantou-se inclusive, algumas discussões sobre a confiabilidade e dificuldade de interpretação da mesma para a pesquisa. No entanto, é vista como uma fonte valiosa de informações para se compreender a realidade social e que rompe com a tradição positiva, adequando-se às várias tendências historiográficas.

A aceitação da proposta se deu principalmente pela identificação dos professores com a relação estabelecida entre fotografia e cidade, e pela necessidade de ampliar o referencial teórico para a utilização de imagens. Questionados sobre suas práticas pedagógicas com o uso de imagens houve vários relatos sobre trabalhos pedagógicos e projetos desenvolvidos nas escolas. Envolvem fotografia e memória, com o uso de relatos de pessoas mais idosas como os pais e os avós dos alunos que são entrevistados e colaboram com fotografias e objetos, propiciando exposições à comunidade escolar além de uma proposta de museu da cidade. Além da fotografia de família e de arquivos os professores relataram o uso de reproduções de obras de arte de diferentes autores e períodos (obras do Renascimento, Debret e outras), de filmes e vídeos, de imagens de jornais, revistas e outros materiais, para contemplar inclusive temas não abordados normalmente nos livros didáticos (lazer, festas locais, rituais religiosos). Além da utilização de imagens dos textos de livros didáticos e paradidáticos. Os professores demonstraram pouca familiaridade com teorias sobre o uso de imagens, embora alguns demonstrem cuidado ao analisá-las. Porém, algumas informações são dadas atualmente pelos livros didáticos compensando, segundo uma participante, a pouca importância dada ao uso das imagens nos cursos acadêmicos de História. Artigos sobre fotografia servem também como suporte teórico para os professores. A crítica da proposta do material didático apresentada no quarto módulo, bem como dos textos e análise de imagem resumiram-se a comentários gerais, com poucas contribuições práticas e teóricas. Algumas sugestões práticas devem ser salientadas como o arquivo para as fotografias e álbum com reproduções das fotografias.

Apoiaram a proposta de maneira geral, enfatizando-se a interdisciplinaridade apresentada no material, como um aspecto positivo a ser realizado nas práticas pedagógicas, estimulando inclusive algumas idéias relacionadas. O material didático foi considerado uma contribuição teórica que estava enriquecendo as aulas e os projetos em desenvolvimento. No último módulo foram apresentados pelos participantes seus planos de trabalho envolvendo a história de seus municípios e o uso de fontes, privilegiando-se a fotografia. Puderam ser conhecidos e discutidos por todos, servindo como uma forma de difundir as propostas que contemplaram temas diversos como festas locais, imigração, questão indígena, conflitos de terra e outros relacionados à realidade local dos participantes.

4. A Proposta de Intervenção

A intervenção na escola enfocando o uso de imagens fotográficas como fontes históricas locais, a partir do tema urbanização, ocorreu no segundo bimestre do ano letivo de 2008, na 1ª série do ensino médio. A partir de uma problematização sobre a urbanização da cidade de Curitiba, foram trabalhados os conceitos de urbanização e sua relação com o processo de industrialização. Com o intuito de iniciar uma atividade que desenvolvesse a capacidade de análise de imagens e discutir questões referentes à urbanização da cidade e conseqüentemente com o bairro onde está localizada a escola, foi proposta uma atividade com imagens (de revistas, jornais de grande circulação ou locais, cartões postais e outros). Pediu-se aos alunos que trouxessem para a aula seguinte, complementando a problematização, imagens atuais da cidade. Com as diversas imagens pretendia-se também levantar questões para serem discutidas com o desenvolvimento dos conteúdos. Reunidos em grupo, os alunos selecionaram um conjunto de imagens fotográficas da cidade (em média três ou quatro imagens) que deveriam ser analisadas individualmente e no conjunto. A atividade foi assim desenvolvida:

- a) Descrição da imagem (elementos icônicos formativos);
- b) Tema de cada imagem fotográfica;

- c) Tipo da imagem (propaganda, ilustração de revista ou jornal, cartão-postal, outros), origem e data;
- d) Análise do conjunto de imagens (que idéias a respeito da cidade as imagens escolhidas sugeriam).

Apesar de ter sido livre a escolha das imagens, a maioria das que foram trazidas para a atividade em sala de aula, das cinco turmas que participaram da atividade, correspondiam às imagens de cartões postais mais recentes da cidade. Destacaram-se as que registram parques da cidade, especialmente o Jardim Botânico e a Ópera de Arame, construções que datam da década de 90. Em seguida aparecem imagens do centro da cidade e da rua XV de novembro, o Parque Barigüi, o Museu Oscar Niemayer, em menor número pontos turísticos e diversas construções públicas e particulares de destaque. Poucas imagens dos bairros, constando duas do Parque Bacacheri, localizado num bairro vizinho ao da escola, e uma única imagem de uma catadora de papel. A utilização de cartões postais, foi realizada parcialmente na fase inicial, quando os trabalhos foram conjuntamente analisados em cada turma. Concluiu-se que a representação que os alunos tinham da cidade, correspondia à imagem criada pelos meios de comunicação de massa nas últimas décadas: cidade ecológica, de fácil transporte, lazer e cultura e praticamente sem contradições sociais. Essas idéias são simbolicamente representadas através das imagens de cartões postais da cidade, voltadas portanto para turistas, com finalidades mercadológicas, mas também são exaustivamente reproduzidas em propagandas, revistas e outros meios.

A partir do desenvolvimento dos conteúdos, enfocando relações entre o processo de desenvolvimento da revolução industrial na Europa e a urbanização, procurou-se discutir as referências européias de construção, marcadas pela presença do ferro e do vidro no século XIX, inspiradoras das obras dos parques mais lembrados pelos alunos, que reforçam a idéia de cidade de primeiro mundo. Por outro lado, através dos conteúdos que revelam as contradições sociais decorrentes do capitalismo no período inicial da industrialização, foram feitas reflexões sobre os bairros da cidade e as diferenças sociais existentes com notáveis distinções na qualidade de vida e de urbanização, mostrando as contradições do sistema que se observam nas

idades contemporâneas. Nestas aulas foram realizadas atividades com a utilização do livro didático público de história (PARANÁ, 2006).

Após as reflexões iniciais sobre o processo de urbanização passou-se a focar o processo de expansão urbana local, estabelecendo-se relação inicialmente com o desenvolvimento industrial brasileiro ocorrido a partir dos anos de 1950. Partiu-se então, para a relação com a cidade através da análise de documentos locais: uma série de cinco fotografias do fotógrafo paranaense Arthur Wischral que registram cenas de obras em diferentes locais da cidade, entre as décadas de 1940 a 1960 e um texto bibliográfico sobre as propostas pretendidas com o Plano Agache (Plano Diretor da década de 40).

O uso de fontes imagéticas e escritas foi feito na sequência de atividades realizadas para enfatizar os efeitos do processo de expansão urbano na periferia, e em especial no bairro onde encontra-se a escola (Bairro Alto, em Curitiba). Foram utilizadas imagens de antigos moradores que registraram o bairro na década de 1960 (período inicial de expansão do local), portanto paisagens urbanas destacando casas em construção e o predomínio de grandes espaços vazios cobertos de vegetação. Além de uma tabela com o resultado de uma pesquisa de 1965 (realizada por ocasião da execução do Plano Diretor de Curitiba na década de 1960) com dados sobre a migração em Curitiba, apontando as causas principais da vinda dos migrantes para Curitiba. Questionou-se nesta atividade as causas que teriam motivado antigos moradores (pais, parentes, vizinhos dos alunos) a se estabelecerem em Curitiba e no bairro. O material utilizado nesta atividade encontra-se em anexo (Anexo 1).

Como tinham sido utilizados vários textos e fontes documentais optou-se no final do bimestre por uma narrativa histórica sobre o processo de urbanização da cidade como forma de avaliação individual. No entanto, no início do bimestre seguinte procurou-se responder à problematização inicial: as características da cidade e a relação com o processo de urbanização. Através de pesquisa sobre outros bairros e informações complementares sobre as mudanças urbanas mais recentes, procurou-se levar à percepção da diversidade da cidade relacionada com diferentes momentos de migração que

ocasionaram sua formação, especialmente os bairros mais novos. Estes, inclusive, contrastam em suas condições estruturais com as representações apresentadas pelos alunos e veiculadas amplamente. Complementando a proposta de trabalho, os alunos analisaram um cartão postal típico da década de 1970, observando na imagem o símbolo contido. Procurou-se assim, evidenciar em discussão com os alunos, que os planejamentos públicos resultaram em muitos aspectos positivos que destacam a cidade, porém que contrastam com vários problemas característicos dos grandes centros urbanos. Porém, as representações sobre a cidade que são visualizados nos cartões postais contêm os símbolos que marcam nosso imaginário sobre a cidade e mudam a cada época.



Cartão postal (1975) Praça Santos Andrade coberta por neve, com o prédio da Universidade Federal do Paraná ao fundo

5. Considerações finais

A proposta de intervenção na escola ocorreu como prevista: utilizando-se a análise da imagem de fotografias de arquivos, de álbum de família e cartões postais, em associação com fontes escritas. Os dois últimos tipos de fotografias foram utilizados em menor quantidade do que se pretendia. Uma das razões da limitação do uso de fontes imagéticas foi o pequeno número de aulas do ensino de história no ensino médio num sistema de

avaliação bimestral que exige uma maior freqüência de avaliações e recuperações. O tempo para o desenvolvimento de atividades torna-se reduzido, sobretudo se envolverem pesquisa bibliográfica ou de fontes por parte dos alunos, o que não foi solicitado na proposta de trabalho.

Outra razão que dificulta o uso de fonte imagética é o alto custo, que limita o desenvolvimento de atividades. Uma opção viável, em termos, é o uso dos laboratórios de informática, utilizado na escola na atividade com fotografias do fotógrafo Arthur Wischral. A imagem do computador oferece qualidade e o desenvolvimento das atividades é mais versátil, possibilitando uma maior interação do aluno que tem grande interesse na ferramenta. Porém, a escola não conta com funcionários de apoio para o seu uso e o número de equipamentos é reduzido para a quantidade de alunos de algumas turmas, trazendo dificuldades para o uso do laboratório de informática. No entanto, o recurso aponta para possibilidades otimistas no processo de ensino e aprendizagem, devendo continuar os investimentos no mesmo. Outra opção para a veiculação de imagens é a TV Pendrive, um aparelho de televisão disponibilizado em todas as salas de aula que contém entrada para VHS, DVD e *pen drive* e saídas para caixas de som e projetor multimídia. É um recurso importante para o professor que pretende utilizar imagens sendo, no entanto, mais adequado para aulas expositivas do que para as atividades dos alunos.

Além das dificuldades estruturais da instituição, pode-se acrescentar outros elementos que dificultam o trabalho, como:

- a) a pouca clareza quanto à proposta pedagógica da escola no que se refere aos seus objetivos e métodos, refletindo na postura do aluno durante todo o processo pedagógico;
- b) nas aulas de história percebe-se que os alunos esperam uma prática pedagógica baseada na memorização, na cópia de resumos ou na interpretação de questões do livro didático como forma de avaliação. Falta compreensão do conteúdo e a prática de relacioná-lo com a compreensão da realidade social.

- c) o uso de documentos e o estudo da história por meio de fontes mostrou-se algo desconhecido dos alunos nas aulas de história no ensino médio. Houve dificuldade de analisar e interpretar os documentos e estabelecer relações de temporalidade. Foi necessário refazer a avaliação final do segundo bimestre para a maioria dos alunos.

As dificuldades constatadas quanto aos aspectos pedagógicos e de recursos relacionados à escola interferem no desenvolvimento de uma proposta de ensino, não trazendo os resultados esperados. No entanto, algumas conclusões podem ser obtidas, indicando aspectos positivos do trabalho pedagógico realizado:

- a) a colaboração do uso de imagens fotográficas presentes no cotidiano do aluno como forma de obter conhecimentos prévios;
- b) a importância da imagem como forma de discutir sobre o conceito de representação e de imaginário e de analisar sobre as formas como são apresentados na sociedade;
- c) o interesse maior dos alunos nas aulas e nos conteúdos relacionados à história local, possibilitando uma referência nos planejamentos e escolhas de conteúdos;
- d) a percepção, relatada em algumas avaliações e comentários, de que a memória é uma fonte histórica (alguns alunos acrescentam informações às fontes apresentadas de acordo com relatos dos pais e avós; outra aluna indaga se os depoimentos orais são fontes; outro aluno traz documentos pessoais da avó);
- e) a percepção de que os temas relacionados ao meio estão relacionados com a identidade individual.
- f) a contribuição da fotografia para a compreensão da memória social.

Algumas correções, na continuidade do desenvolvimento da proposta de trabalho (utilização de várias fontes imagéticas locais) devem ser feitas: um trabalho de resgate no ensino médio de noções de fontes históricas e de patrimônio; uma maior discussão teórica sobre a fotografia e os meios

imagéticos, que embora despertem o interesse dos alunos, ainda são pouco familiares no cotidiano escolar; maior envolvimento dos alunos no processo de pesquisa e identificação dos documentos, possibilitando uma atitude mais reflexiva e ativa. Este último procedimento deve envolver também a prática dos outros professores de história, que devem ter objetivos e métodos em comum. Um agravante na escola é que os demais professores da área desconhecem a proposta relatada, por falta de interesse ou por falta de oportunidade de contato com todos.

Todas as alterações devem colaborar na continuidade da proposta., Será fundamental para que os objetivos da pesquisa sejam atingidos, no entanto, que o projeto político pedagógico da escola contemple o uso da história local na prática de ensino. Tal medida justifica-se devido à necessidade de se dar continuidade às pesquisas realizadas neste projeto e em experiências anteriores, quando se coletou grande quantidade de fontes que trouxeram informações sobre a comunidade onde vive a maioria dos alunos. Ao se privilegiar o entorno do aluno como referencial da prática pedagógica, pode-se construir uma proposta que contemple inclusive outras áreas do conhecimento e propicie unidade no trabalho de todos os professores.

Voltar o olhar para o meio e para as linguagens mais presentes no cotidiano do aluno para incorporá-los na prática pedagógica, pressupõe uma escola que contemple nos seus objetivos a necessidade de uma formação integral do indivíduo. Que possa tornar visível para quem aprende a importância da aquisição do conhecimento escolar para a compreensão da realidade social e pessoal. Com outros objetivos, além de preparar o indivíduo apenas para o mercado de trabalho, sem preconceitos em relação ao aluno e à sua condição de classe como elemento que justifique um processo de aprendizagem com métodos de ensino superados e conseqüentemente de baixa qualidade. Deve-se também, repensar o sistema de avaliação escolar, num processo que leve o aluno a perceber a sua responsabilidade no processo de aprendizagem e na qualidade do ensino. Isso tudo requer uma nova postura da escola, mais objetiva e clara em termos pedagógicos e aberta, para que os pais e alunos conheçam e participem da escola e do seu projeto. Um projeto

que não veja o aluno como mais uma parte do sistema, mas que o compreenda na sua totalidade como um ser humano atuante, criativo e participativo no processo de construção do conhecimento. Dessa forma pretende-se um ensino mais significativo para os alunos e a obtenção de melhores resultados da educação.

6. Referências bibliográficas:

- ANJOS, Maria Anita dos . *Uma experiência de Industrialização: cidade Industrial de Curitiba*, Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: Enciclopédia Einaudi. V. 5, 1985.
- CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In: Estudos Avançados 11(5), 1991.
- CURITIBA, Praça Santos Andrade, com a Universidade Federal do Paraná, no dia da grande nevada. Curitiba: Paraná Cart, No. 5. 1 cartão-postal : color.
- GONÇALVES, Nadia G. O arquivo escolar, a universidade e a escola: diálogos possíveis. Curitiba, 2007 (mimeo).
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo:Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *História*. Vários autores. Curitiba:SEED, 2006. Pág. 330 a 336.
- SAMAIN, Etienne. Oralidade, escrita, visualidade. Meios e modos de construção dos indivíduos e das sociedades humanas. In: *Perturbador mundo novo. Psicanálise e sociedade contemporânea*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 1994. P. 289 a 301.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo; Scipione, 2004.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia. Um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998. Páginas 21 a 34.

Anexo 1 - Atividades

As Cidades (década de 1950 - Brasil)

Os centros urbanos começaram a “inchar” e a transformar sua feição. Antigos bairros se descaracterizaram e mudaram de função. Antigos moradores cederam espaço a migrantes recém-chegados; residências unifamiliares tornaram-se habitações coletivas. Edifícios, antes referenciais da cidade, foram destruídos e substituídos por centros comerciais.

As favelas e os bairros de periferia brotaram na mesma intensidade que novos bairros de classe média e de “grã-finos”, refletindo no espaço físico a distinção entre os grupos sociais e desafiando as metas sociais de técnicos em planejamento urbano que, através de planos diretores, tentavam disciplinar a ocupação do solo.

As principais cidades brasileiras eram ainda as capitais de estados. Em Curitiba, a população de cerca de 139 mil habitantes em 1950 aumentará para 361 mil dez anos depois. Porto Alegre, importante pólo industrial do Rio Grande do Sul, em 1950 tinha 29 mil operários para uma população de pouco mais de 500 mil habitantes. Belo Horizonte era nesta época o exemplo de cidade planejada e começava a tomar ares de metrópole, a partir da união com cidades industriais vizinhas, formando a grande Belo Horizonte.

As duas maiores cidades do país eram Rio de Janeiro e São Paulo. O Rio, até 1960 capital da república, era uma cidade administrativa e turística. Em 1950, contava com 2,3 milhões de habitantes, sendo 60 mil funcionários públicos. Centro das decisões políticas e econômicas, aí estavam instaladas as sedes dos bancos e de companhias nacionais e estrangeiras.

São Paulo na década de 50 reforçou sua posição de “maior parque industrial da América Latina”. Novas indústrias instalaram-se ao longo de modernas estradas de rodagem, principalmente da Via Anchieta e da Via Dutra, e, com as já instaladas ao longo das ferrovias em períodos anteriores, formaram um cinturão industrial em torno da cidade.

Em 1950, nela habitavam 2,2 milhões de pessoas, das quais quase metade era de migrantes, mineiros e nordestinos, que juntamente com um milhão de estrangeiros e seus descendentes tornavam a cidade uma mostra de múltiplas culturas que imprimiam características próprias a vários bairros.

Adaptado de: RODRIGUES, Marli. *Década de 50: Populismo e Metas Desenvolvimentistas no Brasil*. Ed. Ática, 1992 (p.31-32).

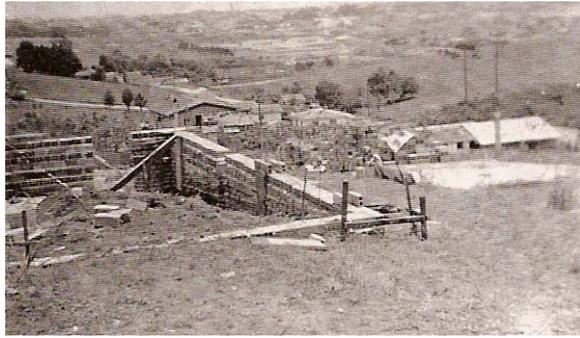
TABELA 1 - RAZÕES DE ATRAÇÃO À CIDADE DE CURITIBA, ALEGADAS PELOS MIGRANTES (Em %)

DISCRIMINAÇÃO	CLASSES SOCIAIS			
	INFER.	MÉDIA INF.	MÉDIA SUP.	SUPERIOR
Condições de trabalho	70	80	49	54
Condições de habitação	3	-	20	9
Facilidade de assistência médica	12	-	10	-
Facilidade da escola	-	12	13	35
Parentes da cidade	15	8	8	2
TOTAL	100	100	100	100

FONTE: Plano Preliminar de Urbanismo de Curitiba, junho/65

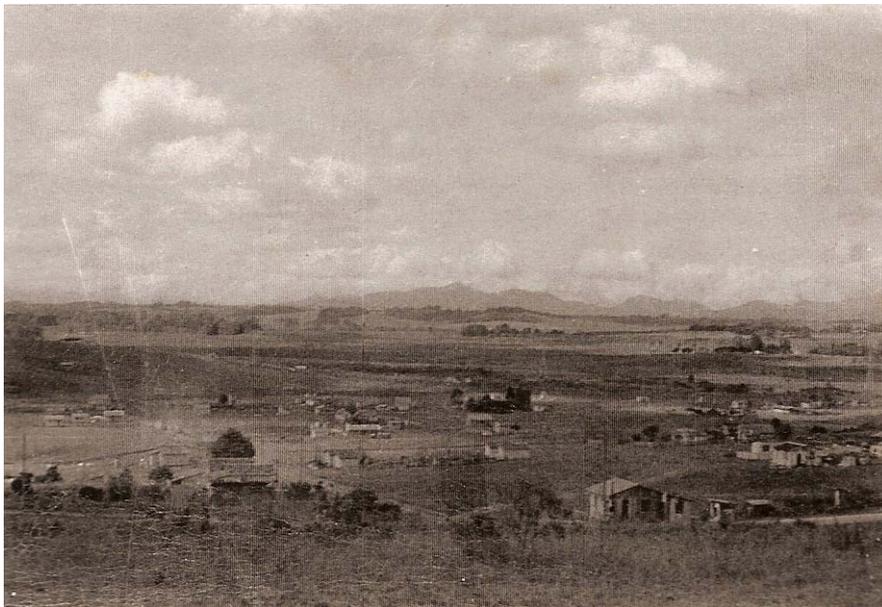
(ANJOS, 1993. P.115)

. Nota-se que a expressão “classes sociais” é usada aqui como uma classificação, e não no sentido sociológico.



Vista do Bairro Alto – Década de 60

Fotografia: Cristina Dittmann



Vista do Bairro Alto em direção à Serra do Mar - 1969

Fotografia: Cristina Dittmann

Atividades:

- 1) Aponte as principais mudanças ocorridas nos centros urbanos a partir da leitura do texto "As Cidades". Destaque Curitiba nesse processo.
- 2) a) Indique a fonte da tabela.
b) Quais as principais razões de atração à cidade de Curitiba, na década de 60?
c) Você tem familiares ou moradores que vieram para o bairro nessa época? Por que vieram para o Bairro Alto?
- 3) a) Descreva as fotografias de álbuns de família dos moradores do bairro.
b) Qual a intenção dos moradores ao registrar as imagens?
c) Quais relações podemos estabelecer entre as imagens fotográficas e os outros documentos?

